

Uma Argentina só de ricos?

A julgar pelos números da publicação *Economia Brasileira em Perspectiva*, do Ministério da Fazenda, quando realizar a Copa do Mundo em 2014, o Brasil terá 31 milhões de ricos. O número, que equivale a praticamente à população da Argentina, é o total de pessoas que, segundo o estudo, pertenceriam à classe A naquele ano. Atualmente, pelos critérios da Fazenda, a classe A contaria com 13 milhões de habitantes, ou 8% da população.

O estudo não revela, porém, quais os critérios de renda para integrar a classe A. Essa imprecisão metodológica já levou uma vez uma ex-integrante de um instituto de pesquisa a ironizar: "Se eu e o Antônio Ermírio de Moraes pertence-

mos à classe A, um dos dois está na classe errada."

A equipe econômica estima ainda que, entre 2008 e 2010, a classe C deve crescer 21,5%. Este ano, a classe C – apresentada por estudos que misturam mudança de hábitos de consumo com ascensão social como "nova classe média – segundo o relatório, corresponderia a 103 milhões de brasileiros.

O documento indica ainda que, desde 2002, cerca de 25 milhões de pessoas foram incluídas nessa "classe média", que, para pesquisadores da FGV inclui "até famílias com renda residencial mínima de R\$ 1 mil (sic.)".

Para a equipe econômica, a nova "classe média", que representava, em 2003, 37% da

população (66 milhões de habitantes) crescerá até 2014 para 56% (113 milhões).

Já a classe E cairia de 28% (49 milhões) para 8% (16 milhões). E a classe D seria reduzida de 27% (47 milhões), em 2003, para 20% (40 milhões), em 2014.

O documento destaca ainda

que, impulsionado pelo aumento do salário mínimo, de 2002 até agora, o poder de compra das classes sociais de menor renda evoluiu constantemente.

Por essa análise, a expectativa da Fazenda é de que a fatia das classes C e D aumente no ranking de potencial de consumo.

Investimento supera gastos

Pela primeira vez, os investimentos superaram em 2010 os gastos com custeio. Esse é um dos destaques da nova edição do boletim *Economia Brasileira em Perspectiva*. Para embasar o discurso de sustentabilidade da política fiscal, o boletim traz um indicador de produtividade do consumo do governo que mostra a relação

entre investimento e despesas de custeio da máquina.

Em junho, esse indicador alcançou 108,6%. Em 2003, no primeiro ano do Governo Lula, o indicador era de 26,6%.

De acordo com os números do Ministério da Fazenda, para cada real gasto em custeio em 2001 o governo gastava mais de R\$ 0,50 em investimento.